

PERSPECTIVAS PARA A INTERPRETAÇÃO LINGUÍSTICA DO HIDRÓNIMO “INHA”¹

Domingos A. MOREIRA

Em tempos fizemos um estudo-ensaio (em muitos aspectos provisório) sobre nomes de rios², donde constava também o rio *Inha*³. Com o andar do tempo apareceram novos dados que vieram alterar várias sondagens nossas, oferecendo portanto novas perspectivas – e outros mais aparecerão em ordem a novas rectificações e aperfeiçoamentos. Já retocámos o estudo sobre os rios *Leça*⁴, *Lima*⁵, *Ul*⁶ e neste anotamos aqui a gralha tipográfica (na p. 83) “rego” por “grego”, tendo também retocado o estudo sobre o rio *Douro*⁷, acrescentando aqui como novo retoque a indicação de que o topónimo *Riudor* de Barcelona nada tem afinal com o rio *Dor(ius)* em virtude de as suas formas antigas “Roudor” e “Reudoriis” sugerirem antes uma relação com o nome de planta *roldor*⁸. No presente trabalho ainda daremos umas achegas ao que dissemos sobre os rios *Ur/Ul* e *Úmia* (aparecendo a citação deste último abaixo na nota 47). O estudo retocado sobre o rio *Fébrois* está para ser publicado pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

Ora, entre os mais nomes de rios cujo estudo importaria ainda retocar ou refundir, cabe agora a vez ao rio *Inha*, que passa junto da terra natal do saudoso Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a quem vai dirigida esta homenagem póstuma organizada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O rio *Inha*, afluente sul do rio Douro, aparece já assim documentado na Idade Média:

“riuulo *ignia*” em 1078⁹;

“ribulo *ignea*” em 1098¹⁰;

“rrilulo (sic) *ignea*” em 1112¹¹;

“fluuiu de *Hinia*” em 1115¹², além de aparecer como hidro-topónimo no mesmo documento: “uilla *Hinia* [...] *Ascarizi*” (lugar de *Inha*, freguesia de *Escariz*, concelho de *Arouca*);

“rivulo *innea*” em 1132¹³;

“*Inia* [...] ipso riuulo [...] aqua de *Inia*” em 1137¹⁴.

Há ainda em *Tondela* (*Viseu*) o rio *Dinha*, a par também da forma *Inha*¹⁵, sendo o *D-* inicial oriundo da preposição *de* de expressões como “rio *de Inha*” (ver supra o caso de *Inha* em 1115), o que aconteceu também noutros casos paralelos: rio *Dasnes*, afluente do *Mondego*, outrora “ribulo *de Asinos*”¹⁶; rio francês *Delut* perante gaulês *lut* “lama”¹⁷; Rio *de Limia*” em 1258¹⁸; “Rio *de Coyra*” em 1258¹⁹; “ribulo *Adon*” em 981²⁰ e depois “*Aon*” / “*Oom*” e “*Om*”²¹ e agora *Dão* (com *D*). O nome deste rio *Dinha* aparece assim registado²² na Idade Média:

“inter Ribulo Malo et *Igna*” (com a variante “*ignia*”) em 1101²³;

“*Inia*” em 1129 no Livro Preto da Sé de *Coimbra*, folha 177²⁴ e em função hidro-toponímica “loco qui dicitur *Inia*” em 1258²⁵, cfr. Acima o caso do hidro-toponímico *Inha* de *Escariz*.

À face do exposto, a grafia *gn* nos dois rios Inha e Dinha parece mais antiga que a grafia *ni* mas perto da foz do rio Inha no Douro, junto de Lavercos, regista-se já em 1059 a grafia *ni* no hidro-topónimo “*inia*”²⁶, hoje lugar da *Inha* da freguesia de Canedo, concelho de Santa Maria da Feira. Como *gn* (caso de *agnu/anhô*, etc.) e *ni* (caso de *seniore/senhor*, etc.) evoluíram no mesmo som *nĥ*, acontece por vezes estar *nĥ* representado erradamente pela grafia *gn* em vez de *ni* ou vice-versa. Notar até o nome pessoal *Agnitrudie* em 900 e *Aniedrudia* em 989, etc.²⁷. Além da forma antiga já referida de 1059 com *ni*, veremos no caso do rio austríaco *Inn* que a grafia *gn* é muito posterior à grafia originária ou etimológica *ni* e é possível que aconteça em mais casos.

A grafia *gn* (“*ignia*”, “*igneia*”) poderá ter sugerido a relação do nome do rio Inha e Dinha com o termo latino *ignis* “fogo”, ou seja, a etimologia poética de “rio do fogo? Do amor”²⁸ ou a etimologia bastante sugestiva de “*igniçã*o, ou ferver” e “fervedouro das águas”²⁹, comparável à dos topónimos *Fervença*, *Ola* (de *ola* “panela” em remoinho), *Águas Caldas*, *Águas Quentes*, *Ribeira Quente* e *Rio Caldo*³⁰. Mas, além de se não conhecerem designações hidronímicas com a própria palavra sinónima *fogo*, o vocábulo *ignis* “fogo”, como já indicaram A. Ernout-A. Meillet³¹ e Wilhelm Meyer-Lübke³², não parece ter tido descendência românica, à excepção do romeno, e por outro lado a geografia dos rios em *In-* não condiz com a área românica e além disso não dá conta do mesmo hidrónimo noutras áreas, ou seja:

- a) rio *Inici* a norte de Segesta na ilha da Sicília – Itália³³;
- b) na zona de língua grega:
 - vários rios de nome *Ἰναχος/Inachus*³⁴ na Acarnânia (sul do Epiro) e na Argólida (a sul de Corinto), informando Vladimir Georgiev³⁵ haver 4 rios deste nome na Península Balcânica, todos comparáveis pelo segundo elemento com os hidrónimos *Ἀχελῆς* etc. referidos pelo mesmo autor;
 - fonte e rio *Ἰνωπός/Inopus* na ilha de Delos a oriente da Argólida³⁶ com o mesmo elemento final dos nomes dos rios *Ἀσωπός*³⁷, *Sinope*³⁸;
 - deusa marítima *Ἰνώ*³⁹ com a mesma terminação dos teónimos *Ἄρξω*, *Ἄφρω* etc.⁴⁰;
- c) na Ásia Menor (Turquia) na zona sul (Isaura-Cilícia) o rio *Ἰνω* citado por Alfredo Trombetti⁴¹;
- d) na Sibéria o rio *Inia*, afluente do Obi na região de Tomsk⁴², caso que é inseguro por desconhecermos formas antigas.

Como se vê, a área do tipo hidronímico *In-* é de tipo predominantemente mediterrâneo, zona já conhecida pelas suas características arcaicas.

Uma vez que o rio *Inha* (afluente do Douro) se integra no ambiente arcaico dos rios *Ur/Ul* e *Umia/Ima*, todos com nascentes perto do antigo castro de Romariz (concelho de Santa Maria da Feira), sede estratégica da “*civitas*” medieval denominada “*Portella*”, rios estes cujos nomes correspondem a relíquias linguísticas conservadas pela bimilenar língua do País Vasco (onde há até o rio *Ur-ume-a*) e por outras línguas antigas aparentadas (mesmo em grau diverso), cabe indagar se na língua arcaica vasca e aparentadas ainda existem vocábulos em *in-* de significado aquático que possam dar conta dos nomes de rios correspondentes em *In-*.

Embora não tivéssemos encontrado no País Vasco nenhum rio em *In-*, encontramos no entanto bem representada uma série de apelativos hidronímicos em *in-* com o significado geral de “água”: *inontz* e *inuntz* “orvalho”, *iñani* “gotita”, *iñar* “gota”, *iñarika* “nadando”, *iñetazi* “granizo forte”, *iñatasi-txingor* “granizo pequeno”, *iñulsi*

"temporal", *iñoski* "líquido" e possivelmente *iña* "vime" e "junco" além de *iñadi* "juncal", plantas que se dão bem em sítios de água⁴³. Como observa Azkue⁴⁴, o *n* precedido de *i* aparece transformado em *ñ* como em *bi* + *na* a dar *biña* e em *erregiña*, etc. As palavras vascas *uhin* "onda" e *ihi* (n) *tz* "orvalho"⁴⁵ são ainda a mesma palavra (h) *in* "água", pois estão precedidas dos elementos *u-* e *i-*, o que acontece também com outros vocábulos vascos, por exemplo *uile* "pêlo" em confronto com a variante *ile* "pêlo", *ukusi* "ver" a par de *ikusi* "ver" perante *kusi* "ver"⁴⁶, *uturri* e *iturri* "fonte" perante provençal *toron* "fonte" e topónimos relacionados *Turrubia*, *Turriaga*⁴⁷.

Quanto às línguas muito ou pouco aparentadas com o vasco, pelo menos em aspectos parciais, encontramos o seguinte, de que damos uma pequena amostra:

a) no japonês, sobretudo japonês antigo: vasco *hori* "isto" e japonês *Kore* "isto", existência do sufixo *-ko* nas duas línguas, etc.⁴⁸. No estudo sobre o rio *Úmia* já tínhamos deparado com o japonês *umi* "mar"⁴⁹, a que acrescentamos agora o japonês *mizuumi* "lago" relacionado com *mizu* "água"⁵⁰. Ora a par do vasco *u-hin* "onda" há o japonês *ina* "água, humidade"⁵¹.

b) Na língua asiática do Nepal há ainda *inar* no sentido de "poços"⁵².

c) Quanto à língua ameríndia Tlingit no Alasca⁵³, importa recordar que as línguas em grande parte aglutinantes da Ásia tiveram contactos pelo estreito de Behring do Alasca com línguas aglutinantes ameríndias da América⁵⁴ e daí aparecerem nelas elementos lexicais comuns:

vasco *ni* "eu" e *algonki* (perto da costa do Pacífico nos Estados Unidos) também *ni* "eu"⁵⁵,

vasco *lagun* "companheiro" e maia (no México) *lak* "companheiro"⁵⁶,

vasco *killa* "lua" e quechua (no Peru) *killa* "lua"⁵⁷.

Ora, a par do referido vasco *u-hin* "onda", temos o tlingit *hin* "água fresca, rio"⁵⁸. Igualmente, a par do referido rio *Úmia*, há na língua ameríndia aymara (língua entre Peru e Bolívia e parecida com a língua quechua) o vocábulo *uma* "água"⁵⁹.

Na África, na vertente próxima da zona asiática, ainda existem na língua kinyarwanda-kirundi (Ruanda) os termos *umegezi* "ribeiro" e *urugezi* "rio"⁶⁰, o primeiro com interesse para o estudo do Rio *Úmia* e o segundo para o estudo do rio *Ur/Ui* juntamente com o vocábulo *ura* "chuva" da língua Kikayo no Quênia⁶¹, o que ilustra mais uma vez as afinidades lexicais do vasco com certas línguas africanas, como já mostrou Florentino Castaños Garay⁶².

Por conseguinte, todos estes indícios, apesar de valor desigual, com as novas perspectivas que abrem fazem pôr de lado o recurso de que nos servimos na primeira abordagem sobre o nome do rio Inha, recurso esse já de si problemático no aspecto semântico e que era o vocábulo grego *ἱνευω* "purificar"⁶³. Cremos, no entanto, ainda na independência etimológica do rio "Isna" em 1191⁶⁴, hoje *Isna* (afluente do Zêzere) em relação ao referido vocábulo grego⁶⁵ em virtude de o rio "Isna" no século IX e hoje *Išen*, afluente do rio austríaco Inn, ter sido anteriormente "Isana" em 784⁶⁶.

Além da supra-referida série hidronímica *In-* de vocalismo inicial *I-* na zona mediterrâneo-asiático-ameríndia, há uma outra série hidronímica de vocalismo inicial *E-* (originário ou evoluído de *A-*) na área indo-europeia, tendo por vezes passado posteriormente também ao vocalismo inicial *I-*, ou seja:

a) Na Áustria o actual rio *Inn*, afluente do Danúbio, dito⁶⁷ *Aenus* em Tácito, *Atvos* em Ptolomeu, *'Evos* em Arriano, "*Enus*" em 788, "*ripa Eni*" em 790, "*Pons Eni*" em Rosenheim⁶⁸ e que lembra também o topónimo austríaco *Innsbruck*, "*vallis Eniatina*" em

930, "vallis Eniana" em 1027, formas todas elas com E- inicial. Com I- inicial são as formas posteriores "Inone" em 785, "Inus" em 1027, "Inna" em 1100, "Innam" cerca do ano 1160, "Inone" em 1290, posteriormente *Иn, Їн, Yнn, Innbach*, aparecendo no escritor Fredegário do século VII as grafias com gn como "Igne" e "Igni"⁶⁹ em latim merovíngio que, como se sabe⁷⁰, é um latim descuidado na ortografia.

b) Ainda na Áustria, a oriente do rio Inn, há outro afluente do Danúbio, que é o rio "Énisa" em 791, "Ánasus" e "Ánesus" em 1088, hoje *Enns* na região de Linz⁷¹.

É diferente o nome do rio alemão *Enz*, afluente do Neckar, pois deve ascender a uma forma originária ainda não documentada **Antia*⁷² à semelhança dos rios "Pagancia" em 1021, hoje *Pagenz* e "Solanza" em 900, tornado "Solenze" em 1080, etc.⁷³, havendo ainda também a oriente de Génova e sul de Parma e Módena (Itália) o rio *Enza*.

c) Na Alemanha há o rio *Ennepe*, afluente do Volme⁷⁴ e que lembra pelo segundo elemento o rio *Aesepus* da Mísia na Ásia Menor e vários rios alemães em *-epe* como "Linepe" em 1093, "Hunnepe" em 996, etc.⁷⁵.

d) Na França temos na zona central (mais próxima do nascente):

– no departamento de Indre (a noroeste de Lyon) o rio *Igneray* (de que desconhecemos formas antigas) que é afluente do Indre e este do Loire⁷⁶;

– no departamento de Ain (a norte de Lyon) o rio "Ignaeus" e "Igneus" no séc. 7/8 da época merovíngia⁷⁷, "Igniz" em 1112, "Hinni" em 1169 e "Enz" em 1212⁷⁸, hoje *Ain*, afluente do Ródano. Quanto a uma possível evolução vocálica E-/Ai- iniciais, recordem-se estes factos paralelos mais ou menos na mesma zona: topónimos "Eniscum" em 946 e hoje *Aisne* no departamento de Ain e "Elone" em 739 e actualmente *Ailon* no departamento de Saboia a nascente de Lyon⁷⁹. É pois possível uma forma originária, não documentada ainda, **Egneus*/**Eneus*.

– no departamento de Côte d'Or (bastante a norte de Lyon) há o rio *Ignon*⁸⁰ dito "Egnon" em 1236⁸¹, e é afluente do Tille.

Estes três rios (*Igneray*, *Igneus/Ain*, *Egnon/Ignon*), por estarem próximos uns dos outros, formando uma espécie de zona hidronímica, sugerem tratar-se do mesmo vocábulo hidronímico com E- inicial (documentado em *Egnon/Ignon* e evoluído posteriormente em I-), E- inicial esse que pode ter havido em *Igneray* e *Igneus/Ain* como se nota, por exemplo, noutros casos na mesma área: topónimos "Eppone curte" em 700, hoje *Ippécourt* no departamento de Meuse (a norte de Lyon), "Escia" em 850, hoje *Isse* no departamento de Marne (a norte de Lyon), "Estolio" em 954, hoje *Iteuil* no departamento de Vienne a ocidente de Lyon⁸².

A actual grafia francesa *gn* umas vezes procede de *gn* (casos de *agnel/agneau*, *dignu/digne*, *regnu/règne*, etc.) e outras vezes de *ni* (casos de *ciconia/cigogne*, *seniore/seigneur*, etc.).

e) Na Irlanda há o rio *Inny* no estado de Leinster a ocidente de Dublin, com nascente no condado de Meath e foz em Lough Ree⁸³. Desconhecemos formas antigas deste hidrónimo, pelo que a sua inclusão aqui é provisória, até futura confirmação ou rectificação.

f) No Norte de Itália, na zona da Ligúria (Génova, etc.) documenta-se na epigrafia romana (na *Sententia Minutiorum* do ano 117 a. C.) o rio *Eniseca* que se tem dito corresponder ao actual rio *Secchia*⁸⁴ a sul de Módena. Como há na mesma zona do norte italiano o rio *Secia*, afluente do Pó, e *Secula* em Módena⁸⁵ e que nos parece corresponder ao referido *Secchia*, pode-se pensar numa estrutura morfológica "Eni-seca", isto é, *En-* e *Sec-* (que deve também constar no rio *Sequana/Seine=Senas*).

g) Na zona do Gerês, província de Orense, há o rio *En* referido pela expressão documental do ano 940 "inter rivulos *Enn* et Gorgula"⁸⁶ e antigo rio "Enna" e possivelmente lago *Enol* nas Astúrias⁸⁷.

Ora para toda esta segunda série hidronímica em *En- /In-* da área indoeuropeia tem-se lembrado⁸⁸ o vocábulo celta *an/en* no sentido de "água" e que tem correspondência em forma apropriada noutras línguas indoeuropeias, o que geograficamente também condiz com a referida série hidronímica *En- /In-*, a saber:

a) *no domínio céltico:*

sector goidélico: antigo irlandês *en* "água" e *enach* "pântano" e *englas* "leite com água»;

médio irlandês *an* "água";

sector britónico: cimbriico ou galês *enwyn* "soro de manteiga";

sector do gaulês: *anam* "pântano" (glossário de Endlicher);

b) *no domínio germânico:*

germânico nórdico: antigo islandês *fen* "pântano";

germânico oriental: gótico *fani* "lama";

germânico ocidental: baixo alemão: antigo franco *fen(n)e* e holandês *veen* "charneca";

antigo alto alemão *fenna* e *fenni* "pântano" e médio alto alemão *venne* e alemão moderno *Fenn* "terra pantanosa";

antigo inglês *fen(n)* e inglês moderno *fen* "pântano" e antigo saxónico *fen(n)i* "pântano".

Em proto-germânico parece ter havido a forma derivada *fango* (*fan+go*) que passou depois às línguas românticas: italiano e espanhol *fango* "lodo", antigo francês e provençal *fanc* "lama", etc.

c) *No domínio balto-eslavo:* antigo prussiano *pannean* "pântano",

lituano *paniabude* "cogumelo",

letão *pane* "água de esterco";

d) *No domínio indiano:* sânscrito *pan-kan* (com sufixo) "pântano", *pani* "água" nas línguas indianas oriya, ourdon e pandjabi além das línguas ciganu, marathi, hindi e língua do Nepal⁸⁹.

Toda esta série lexical, a que devem pertencer rios eslavos como *Pene*, *Panis*⁹⁰ e rios gregos como *Πηvelós* hoje Salambria na Tessália, *Πανυσ(σ)ος* na Trácia⁹¹ e rio italiano *Panarus* a sul de Módena⁹², mostra que a área de *(p)an/(p)en* era noutros tempos ainda maior.

As palavras indoeuropeias com *p-* inicial aparecem em germânico com essa letra transformada em *f* e perdem-na em celta, como se pode ver destes exemplos⁹³:

Latim: <i>p</i>	Germânico: <i>f</i>	Balto-Eslavo: <i>p</i>	Celta: sem <i>p</i>
<i>piscis</i> "peixe"	gótico <i>fisks</i> "peixe"	russo <i>piskar</i> "gobião"	antigo irlandês <i>iasc</i> "peixe"
<i>plus</i> "mais"	gótico <i>filu</i> "muito"	lituano <i>pilus</i> "demasia"	antigo irlandês <i>il</i> "muito"
<i>pater</i> "pai"	gótico <i>fadar</i> "pai"		antigo irlandês <i>athir</i> "pai"

Para o nosso caso dos rios En- não tem interesse o recurso ao *prefixo* e preposição celta *en-* ou ainda *na(d)/en(d)*, registados por exemplo no nome pessoal *Enigena*, adjectivo *anderoudus*, etc.⁹⁴, pois, se por um lado isso parecia possível para o caso do rio *Eniseca*, já não serve para a forma simples de rios como *Enis*, etc..

Por conseguinte, todo este conjunto de apelativos e correspondentes nomes de rios em *(p)an-/ (p)en-/ (-in)*, acantonado à zona indoeuropeia, parece ser independente etimologicamente da primeira série supra referida de rios em *In-/Inha*, circunscrita a uma área mediterrâneo-asiático-ameríndia. Até o facto de haver na Hispânia o rio "Anas" (hoje Guadiana) e no Gerês o rio "En" e nas Astúrias o rio *Enna* e lago *Enol* (perto de Covadonga) com forma distinta (*an/en*) da de *Inha* parece confirmar a distinção ou independência linguística das duas séries onomásticas.

Alfredo Trombetti⁹⁵ cita na Ásia Menor, ao lado do rio *Ιννα*, os rios *Ενα* e *Ενας*. O facto de serem todos da mesma zona leva a supor tratar-se duma variante segundo a oscilação vocálica *e/i* que se conhece doutros vocábulos antigos das línguas arcaicas da bacia do Mediterrâneo como rios *Sillis* e *Sellis*, rios *Sinnis* e *Σεννη-τανδασις*⁹⁶, etrusco *cipen/cepen*, *κεδροσ/citrus*⁹⁷, *ilex/elex*⁹⁸, *arista/aresta*⁹⁹, etc..

Também há um vocábulo camito-semítico no sentido de "fonte" e também no de "olho", o que lembra a expressão *olho de água* a significar "nascente" ou "fonte"¹⁰⁰ e que consta nestas línguas:

Assírio	<i>enu</i> e <i>inu</i> "fonte, olho";
Hebraico	<i>ain</i> "fonte, olho";
Fenício	<i>ain/ein</i> "fonte, olho";
Aramaico e siríaco	<i>aina'</i> "fonte, olho";
Ugarítico	<i>h̄n</i> "fonte";
Árabe	<i>hai</i> e etíope <i>hain</i> "fonte, olho" ¹⁰¹ ;
Egípcio tardio	<i>eny</i> "água";
Berberes	<i>anu</i> "poço" ¹⁰² .

É de observar que a sequência gráfica inicial *ai-* das formas hebraica e aramaica são transcritas por *e-* em latim como se vê dos nomes próprios bíblicos *Ainam=Enaim*, *Enhasor*, *Aindor=Endor*¹⁰³ e daí a forma aramaica aparecer transcrita por *ena*¹⁰⁴. A hidro-toponímia bíblica regista o correspondente vocábulo hebraico, por exemplo, no Livro de Josué, onde se lê, segundo a versão da Vulgata Latina, tanto *Aen* (Josué XV. 32) como *Ain* (Josué XXI. 16). O correspondente vocábulo árabe aparece representado em hidro-topónimos hispânicos como *Ahín* em Castellón, *Ayna* em Albacete¹⁰⁵, *Ain* em Valencia¹⁰⁶ e como primeiro elemento nos compostos hidro-toponímicos de Granada *Aynebaata*, *Aynealcayceria*, *Ayneachahaden*, *Aynealmuçur*¹⁰⁷ e como segundo elemento no composto hidro-toponímico catalão *Ressalany*¹⁰⁸.

A aplicação da palavra semito-camítica *ain/ena* "fonte" a nomes de rios lembra o caso paralelo dos rios galegos denominados *Fonte* e *Fontela*¹⁰⁹. Mas no nosso caso dos rios *Ena(s)* da Ásia Menor onde não parecem ter sido faladas línguas semíticas, não condiz esta interpretação, pelo que parece preferível supor tratar-se da referida oscilação vocálica *e/i*.

Por vezes, palavras começadas por vogal tiveram outrora uma consoante inicial que foi desaparecendo paulatinamente e daí casos como *kume*, *gumar* relacionados com o hidrónimo *Úmia* etc., como referimos num suplemento ao estudo deste hidrónimo (a

publicar na homenagem ao Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida pela Universidade de Santiago de Compostela). Ora no nosso caso do rio *Inha* pode acontecer o mesmo, já que parece haver um parentesco do vocábulo vasco *hin* "água" nas línguas do Cáucaso (com as quais o vasco tem diversas afinidades lexicais) como *sin* "água" na língua Dargwa, Xin «água» nas línguas Lak e Avar e variante *Xeni* na língua Godoberi¹⁰, este último caso com a referida oscilação vocálica *ɨ/ɛ* que vem dar mais peso ao que dissemos sobre a variante hidronímica *Εννας* da Ásia Menor, zona próxima do Cáucaso. Outro caso paralelo nota-se no vasco (*h*)or e Avar *hoe* perante Dargwa *xwi*¹¹.

Também nalgumas línguas indoeuropeias e que são grego, arménio, irânio, celta britónico (galês, córnico, bretão) mas já não tanto celta goidélico (irlandês, etc.), acontece a mesma transformação¹² do *s*- inicial em aspiração (*h* aspirado, espírito rude) que por vezes acaba por desaparecer:

Latim: <i>s</i>	Grego:	Arménio: <i>h</i>	Iraniano: <i>h</i>	Celta Britónico: <i>h</i>	Celta Goidélico: <i>s</i>
<i>senex</i> "velho" <i>sal</i> "sal"	^ϛ <i>ε</i> νος ^ϛ <i>α</i> λς	<i>hin</i> <i>al</i>	avéstico <i>hana</i>	bretão <i>ben</i> galês <i>halen</i> e córnico <i>haloin</i>	irlandês <i>sen</i> irlandês <i>salann</i>

De facto há rios em *Sin*- e até variante *Sen*- como o rio citado *Σεννη-τανδασις* na Lícia (Ásia Menor), os rios italianos *Senna* (em Marche) e *Sinnis* (na Lucania) e *Sinnus* afluente do Pó¹³, estes dois últimos com geminação consonântica usada para fins expressivos segundo vários autores¹⁴, havendo ainda o já referido rio francês *Sinope* e lago asiático *Sinnaus*¹⁵ mas estando de fora o rio italiano *Senna* da Toscana por a sua forma antiga ser já "Ausenna" em 714¹⁶. Mas a localização predominantemente ocidental (sobretudo italiana) não está favorecendo muito a perspectiva interpretativa em causa apesar de sugestiva.

Perante tudo isto importa, finalmente, dizer que o rio *Inha* parece, pois, referir-se a uma língua da Antiguidade (vasco? colónia vasca emigrada para esta zona? ou língua aparentada quer das ainda conhecidas ou talvez outra já desaparecida?). Tais são as perspectivas que esta sondagem nos parece oferecer de momento para a interpretação linguística do rio *Inha*, com base nos poucos materiais ainda disponíveis e de valor desigual e até provisório (no caso de falta de documentação de formas antigas) que nos foi possível manejar neste esforço de reconstituição etimológica, pois no fundo tudo não passou duma tentativa de aproveitamento de "indícios" como diria Vincenzo Cocco a respeito de substractos linguísticos¹⁷.

I SIGLAS USADAS NAS NOTAS:

- ACS = Alfred Holder, *Alt – Celtischer Sprachschatz*
 BC = *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto
 BF = *Boletim de Filologia* (Lisboa)
 BN = *Beiträge zur Namenforschung* (revista)
 Con = VII *Congresso Internazionale di Scienze Onomastiche*, Florença 1962 (vol. I) e 1963 (vol. II)
 DC = *Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et chartae*
 DE = A. Dauzat et Ch. Rostaing, *Dictionnaire Étymologique des Noms de Lieux en France*, Paris 1963
 DGF = A. Bailly, *Dictionnaire Grec-Français*, Paris 1950
 DMP = *Documentos Medievais Portugueses* (Academia Port. de História)
 Dene = Vitaly Shevoroshkin, *Dene-Sino-Caucasian Languages*, Bocchum 1991
 DN = Adolf Bach, *Deutsche Namenkunde*, vol. II, tomo I, Heidelberg 1953
 DV = *Resurrección Maria de Azkue, Diccionario Vasco-Español-Francés*, Bilbao 1969 (vol. I) e 1906 (vol. II)
 Esp = *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, Espasa-Calpe
 Est = André Martinet, *De las Estepas a los Océanos – El indoeuropeo y los “Indoeuropeos”*, Madrid 1997
 IEW = Julius Pokorny, *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, vol. I, Berne e Munique 1959
 IK = VI *Internationaler Kongress für Namenforschung*, Munique 1961
 Inq = *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*
 Inst = revista *O Instituto*
 Lan = Michel Malherbe, *Les Langages de l’Humanité*, Paris 1983
 Lex = Aegidio Forcellini, Josepho Perin, *Lexicon Totius Latinitatis*, vol. 5 e 6, Pádua 1940
 LH = Franciscus Zorell, *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti*, Roma 1960
 Man = F. R. Adrados, A. Barnabé, J. Mendoza, *Manual de Lingüística Indoeuropea*, vol. I, Madrid 1995
 Nost = Vitaly Shevoroshkin, *Nostratic, Dene-Caucasian, Austric and Amerind*, Bocchum 1992
 OB = Michel Morvan, *Les Origines Linguistiques du Basque*, Bordéus 1996
 PH = H. d’Arbois de Jubainville, *Les Premiers Habitants de l’Europe*, vol. I (1889)
 PI = Robert Seymour Conway, *The Prae-Italic Dialects of Italy*, vol. I, parte II, Londres 1933
 PP = Édouard Philipon, *Les Peuples Primitifs de l’Europe Méridionale*, Paris 1925
 SE = revista *Studi Etruschi*
 TF = Auguste Vicent, *Tponymie de la France*, Bruxelles 1937
 UAF = Hans Krahe, *Unsere Ältesten Flussnamen*, Wiesbaden 1964
 UV = revista *Ul-Vária*, Oliveira de Azeméis
 VR = revista *Vox Romanica*.

NOTAS

² BC 29 (1966) pp. 545-601 e 30 (1967) pp. 84-162; *O Rio e o Mar na Vida da Cidade*, Porto 1966, pp. 51-110.

³ BC 30 (1967) pp. 98-100.

⁴ Vários autores, *Alfena, Olha o teu Museu*, Alfena 1996, pp. 106-121.

⁵ *Actas do III Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. II, Viana do Castelo 1994, pp. 479-492.

⁶ UV, vol. II (1-2) pp. 77-90.

⁷ *Revista Gaya*, VI (1988-1994) p. 178, nota 2.

⁸ Joan Coromines, *Onomasticon Cataloniae*, vol. 6, Barcelona 1996, p. 402, s. v. *Riudor*.

⁹ DC p. 335, n.º 550.

- ¹⁰ DC p. 517, n.º 870.
- ¹¹ DMP vol. III, p. 355, n.º 409.
- ¹² DMP vol. III, p. 440, n.º 517.
- ¹³ *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, Outubro de 1961 p. 300 e Janeiro de 1962 p. 19 na nota 520; revista *Bracara Augusta* 24 (1970) p. 227, n.º 104 (Livro dos Testamentos de Paço de Sousa, folha 40 verso).
- ¹⁴ DMP vol. I, p. 197, n.º 162.
- ¹⁵ *Inst* 97 (1940) p. 384, n. I.
- ¹⁶ *Inst* 97 (1940) p. 398.
- ¹⁷ DE p. 242, s. v.
- ¹⁸ *Inq* p. 334.
- ¹⁹ *Inq* p. 368.
- ²⁰ DC p. 80, n.º 130.
- ²¹ *Inst* 97 (1940) p. 384.
- ²² Amadeu Ferraz de Carvalho. *A Terra de Besteiros e o Actual Concelho de Tondela*, nova ed., Tondela 1981, p. 146, 39 e 43.
- ²³ DMP vol. III, p. 22, n.º 26.
- ²⁴ Na obra de P. e Avelino de Jesus Costa, Leontina Ventura e M.ª Teresa Veloso, *Livro Preto da Sé de Coimbra*, vol. III, Coimbra 1979, p. 66, saiu por inadvertência “mia” por “Inia” (M=In).
- ²⁵ *Inq* p. 820.
- ²⁶ DC p. 261, n.º 420.
- ²⁷ Respectivamente Avelino de Jesus da Costa, *Líber Fidei* vol. I, Braga 1965, p. 206, n.º 174 e A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português*, Lisboa 1912. Ver nosso estudos in *Cadernos Vianenses* 14 (1990) pp. 183-184 (Nóbrega) e BC 26, fasc. 1/2 (1963) pp. 95-101 (Magneto).
- ²⁸ *Revista Arquivo do Distrito de Aveiro* 6 (1940) p. 151.
- ²⁹ Respectivamente na revista *Beira Alta*, vol. 56, fasc. 1/2 (1997) p. 17 (quanto ao rio Dinha) e *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* vol. 39 (Apêndice) p. 223 s. v. Canedo – S. Maria da Feira (quanto ao rio Inha).
- ³⁰ Cfr. BF 8 (1947) p. 333, 328 e 307; J. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, vol. III, Coimbra 1931, pp. 14-15 e 373.
- ³¹ *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, 4ª ed., Paris 1959, p. 307, s. v. ignis.
- ³² *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, 3ª ed., Heidelberg 1935, p. 355, n.º 4252a, s. v. ignis.

- 33 Con vol. I, p. 258.
- 34 DGF.
- 35 IK vol. II, p. 308.
- 36 DGF.
- 37 IEW p. 51.
- 38 IK vol. 3, p. 606.
- 39 DGF.
- 40 Vittorio Bertoldi, *La Parola quale Mezzo d'Espressione*, Nápoles 1946, p. 211, nota 2.
- 41 SE 13 (1939) p. 278.
- 42 *Esp.*
- 43 DV vol. I s. v. e apêndice; Roselyne Charlat, *Presentación y Análisis de ciertas Correspondencias Vasco-Caucásicas*, Bilbao 1980, p.35.
- 44 DV vol. II, p. 86 s. v. ñ.
- 45 DV vol. II; *Nost* p. 345; *Dene* p. 68, 101, 133 e 145.
- 46 DV.
- 47 Johannes Hubschmid, *Thesaurus Praeromanicus*, fascículo 2, Berne 1965, p. 131 e 139; M.ª Nieves Sanchez Gonzalez de Herrero, *El Habla y la Toponimia de la Puebla de Arganzón y el Condado de Treviño*, Vitória 1986, p. 261.
- 48 OB p. 109, 166-167.
- 49 UV vol. III (1-2) p. 94. Há um suplemento a publicar pela Universidade de Santiago de Compostela no Livro de homenagem ao Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida.
- 50 *Lan* p. 994 e 995.
- 51 *Dene* p. 101 e 157.
- 52 *Lan* p. 1251.
- 53 H. A. Gleason, Jr., *Introducción a la Lingüística Descriptiva*, Madrid 1970, p. 658.
- 54 Merrit Ruhlen, *L'Origine des Langues*, ed. Belin 1997, p. 186, 173 e 159; *Lan* p. 255.
- 55 OB p. 104, cfr. 133.
- 56 OB p. 133.
- 57 OB p. 124 e 133.

- 58 Dene p. 101, 157, 133, 145, 166.
- 59 Lan p. 564.
- 60 Lan p. 1077.
- 61 Lan p. 1063.
- 62 Florentino Castañón Garay, *El Éuzkera y Otras Lenguas*, Vizcaya 1979, pp. 101-116.
- 63 Vide Pierre Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, Paris 1983, s. v.; IEW pp. 299-300.
- 64 D. Fernando de Almeida, *Egíptia-História e Arqueologia*, Lisboa 1956, p. 300.
- 65 IEW p. 299.
- 66 UAF p. 56 e 71; DN vol. II, tomo I, p. 210.
- 67 VR 10 (1948-1949) pp. 244-245; UAF p. 105; BN 20 (1985) p. 221.
- 68 PI p. 443.
- 69 PI p. 443.
- 70 Di A. de Prisco, *Il Latino Tardoantico e Altomedievale*, Roma 1991, p. 179.
- 71 DN vol. II, tomo I, p. 224-225; UAF p. 105; BN, nova série, 4 (1969) p. 385.
- 72 BN 8 (1957) p. 245.
- 73 BN 2 (1950-1951), fasc. 2, respectivamente p. 114 e 117; DN vol. II, tomo I, p. 213 e 214.
- 74 DN vol. II, tomo I, p. 225.
- 75 Lex vol. V; Dn vol. II, tomo I, p. 152.
- 76 *Proceedings of the Eighth International Congress of Onomastic Sciences* (Amsterdão 1963), Paris 1966, p. 417, nota 21.
- 77 Paul Lebel, *Principes et Méthodes d'Hydronymie Française*, Dijon 1956, p. 349.
- 78 TF p. 306.
- 79 DE p. 7.
- 80 TF p. 34.
- 81 Albert Dauzat, Gaston Deslandes, Charles Rostaing, *Dictionnaire Étymologique des Noms de Rivières et de Montagnes en France*, Paris 1982, p. 55.
- 82 DE respectivamente p. 361 e 363.
- 83 Esp.

- 84 pp p. 214; ACS; PH vol. I p. 362; Lisardo Rubio, Virgilio Bejarano, *Documenta ad Linguae Latinae Illustrandam*, Madrid 1955, pp. 17-18.
- 85 ACS; Lex vol. 6.
- 86 José M. Andrade, *O Tombo de Celanova*, tomo I, Santiago de Compostela 1995, n.º 456, p. 620.
- 87 *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, año XLI, n.º 123 (1987) pp. 692-693.
- 88 VR 10 (1948-1949) p. 246; J. Vendryes, *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien – A*, Dublin 1981, p. A-71; Friedrich Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, Berlin etc. 1989, p. 209; T. F. Hoad, *The Concise Oxford Dictionary of English Etymology*, Oxford/New York 1993, p. 169; Winfred P. Lehmann, *A Gothic Etymological Dictionary*, Leiden 1986, p. 108; IEW p. 806 e 807; Martín Sevilla Rodríguez, *Toponimia de origen indoeuropeo prelatino en Asturias*, Oviedo 1980, p. 66; DN vol. II, tomo II, Heidelberg 1954, p. 46; UAF p. 105.
- 89 Lan p. 1272, 1294, 1313, 1608, 1204, 940, 1251 respectivamente.
- 90 *Con* vol. II, p. 398.
- 91 *IK* vol. II, p. 309.
- 92 *Lex* vol. 6.
- 93 IEW p. 796, 800 e 829; Est pp. 150-151.
- 94 ACS; PP p. 214; Antonio Tovar, *Estudios sobre las Primitivas Lenguas Hispánicas*, Buenos Aires 1949, pp. 165-166; Sabine Ziegler, *Die Sprache der altirischen Ogam-Inschriften*, Gotinga 1994, p. 103; citado (na nota 88) *Lexique Étymologique...* p. A-71; W. Stokes / A. Bezzenberger, *Wortschatz der Keltischen Spracheinheit*, 5ª ed., Gotinga 1979, p. 30.
- 95 SE 13 (1939) p. 278.
- 96 SE 14 (1940) p. 189.
- 97 Giovanni Alessio, *Le Lingue Indoeuropee nell' Ambiente Mediterraneo*, Bari 1955, p. 534 e ver p. 371.
- 98 SE vol. 16, p. 352; revista *Bíblos* 23 (1947) pp. 60-61.
- 99 *Atti I Congresso Storico Calabresi* (Cosenze 1954), Roma 1957, p. 328.
- 100 BF tomo 8, fasc. 4 (1947) p. 327.
- 101 LH p. 591; O. Valdez dos Santos, *Lições de Gramática Assíria*, Porto 1965, p. 192 e 26; G. Boson, *Assiriologia*, Milano 1916, p. 201; Moisés Espírito Santo, *Dicionário Fenício-Português*, Lisboa 1993, p. 198; August Dillmann, *Grammatik der Äthiopischen Sprache*, Graz 1959, quadro I (alfabeto); Cyrus H. Gordon, *Ugaritic Manual*, Roma 1955, p. 304 e 305, n.º 1397 e 1416.
Observação: transcrevo por *h-* (inicial) o espírito rude chamado *ayn* (letra do alfabeto), idêntico à palavra *ayn* "fonte".
- 102 Marcel Cohen, *Essai Comparatif sur le vocabulaire et Phonétique du Chamito-Sémitique*, Paris 1947, p. 89.
- 103 LH p. 593 e 592.

- 104 *Lan* p. 547.
- 105 Miguel Asín Palacios, *Contribución a la Toponimia Árabe de España*, 9ª ed., Madrid 1944, p. 44 e 78; *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, vol. I, Madrid 1960, p. 570.
- 106 Carme Barceló Torres, *Toponimia Árábica del País Valencià-Alquerías i Castells*, Valencia 1983, p.70.
- 107 Amador Díaz Garcia, Manuel Barrios Aguilera, *De Toponimia Granadina*, Granada 1991, pp. 142-148.
- 108 Joan Coromines, *Onomasticon Cataloniae*, vol. 6, Barcelona 1996, p. 375.
- 109 *Gran Enciclopedia Gallega sub vocibus*.
- 110 *Nost* p. 347; *Dene* p. 101 e 133. Sobre vasco e caucásico ver livro (citado na nota 97) *Le Lingue...* pp. 519-520.
- 111 *Dene* p. 102.
- 112 Francisco R. Adrados, *Lingüística Indoeuropea*, vol. I, Madrid 1975, p. 261; *Man* vol. I p. 218; *IEW* p. 878, 907-908.
- 113 *SE* 14 (1940) p. 191.
- 114 *Man* pp. 195-196; citadas (na nota 97) *Le Lingue...* pp. 592-594.
- 115 *Lex* vol. 6.
- 116 *UAF* p. 44.
- 117 *Revista Portuguesa de Filosofia* I (1947) p. 241.